

Um vereador que entrava mudo e saía calado



O meio político é sempre rodeado de especulações e disputas acirradas que movimentam a cidade. O processo eleitoral, em época de pleito, é algo que sempre rende boas histórias, algumas divertidas, outras nem tanto. Sabemos que, neste jogo de interesse vale de tudo para chegar ao poder.

Em Siderópolis, não poderia ser diferente. Volta e meia reaparecem aquelas figuras carimbadas que só aparecem de quatro em quatro anos para pedir voto. Há quem se divirta com esse processo e com os casos cômicos que surgem durante as campanhas. Um exemplo são os slogans dos famosos santinhos, do tipo “pense um pouco, vote no Quico Louco”. As músicas de divulgação das campanhas também são um atrativo a mais, misturando, por vezes, bom humor, criatividade e provocação, com melodias que às vezes grudam em nossa mente e a gente se pega cantando, tipo o

“pancadão” que virou febre no Brasil inteiro: “é 24, é 24, é 24....o outro lado é desespero é desespero é desespero...”

Lembro que, quando criança, colecionava os santinhos que eram distribuídos e esperava o carro de som da campanha passar para ganhar alguns “agrados”. Às vezes um chaveiro, um boné, um pacote de pipoca doce e coisas do tipo. A distribuição de brindes era algo comum.

Por mais bizarro que possa parecer hoje em dia, os comícios de campanhas eram grandes eventos, com bandas tocando. Arrastavam uma multidão que, por vezes, estava mais interessada na comida e cerveja grátis do que propriamente em ouvir os candidatos. Era aquele empurra-empurra e gente brigando por um pedaço de carne e uma cerveja. Brindes como camisas e bonés eram disputados; tinha quem adorava uma camisa de candidato, principalmente para dormir, pois o tecido, normalmente de má qualidade, era leve, porém confortável. Entre as donas de casa, as toalhas de prato faziam sucesso, volta e meia a gente encontrava uma esticada em frente à porta para limpar os pés.

Nesse processo, os candidatos não escapavam das piadinhas do povo. Diziam que as galinhas do terreiro não podiam ver o candidato fulano, que já iam logo escondendo as asinhas, pois era só isso que serviam nos seus comícios.

Os mais jovens adoravam os adesivos dos candidatos. Com um pouco de sorte, recortando as letras, dava para montar o nosso próprio nome e dar aquela personalizada na bicicleta.

Até os postes da cidade eram disputados. Muitas vezes, o nome dos candidatos e seus números eram pintados à mão no próprio poste. Era plaquinhas com fotos de candidatos espalhadas para todos os lados da cidade, elas eram penduradas nos postes e ali ficavam até apodrecer. Havia quem gostasse de treinar a pontaria, atirando pedra nas placas dos candidatos da oposição ou em qualquer um que aparecesse pela frente. Volta e meia, um rosto amanhecia com uma barba ou um bom par de chifres pintados sobre a face que estampava a placa, o que causava risos em alguns e revolta em outros.

Também havia quem usasse o material eleitoral com mais consciência e criatividade. Alguns colonos gostavam de usar as plaquinhas com o rosto do candidato impresso em folha de plástico, para deixar mais realista os espantalhos espalhados pela plantação, o que também gerava algumas piadinhas do povo. Diziam que na roça onde tinha espantalho com cabeça de candidato, os passarinhos passavam voando

com as mãos nos bolsos, para proteger a carteira, afinal, infelizmente, em nosso país, os políticos conquistaram má fama, o que faz com que muitos candidatos e políticos sérios também sejam alvo deste tipo de coisa.

É claro que toda essa bizarrice não seria apenas perceptível durante o período eleitoral, se estendendo por longos quatro anos, durante o mandato dos novos eleitos, que muitas vezes, acabavam nos representando sem preparo, chegando ao cargo através de uma prática ainda muito presente nos dias de hoje, a compra de votos. Apesar de tudo, o tempo passou e o processo eleitoral ficou, digamos, um pouco mais “politicamente correto”, com várias práticas sendo proibidas. No entanto, hoje as fake news dominam o cenário a fim de confundir o eleitor em um processo que deveria ser levado muito mais a sério, mas isso é assunto para outro momento.

Nossa história, apesar de divertida é mais um daqueles casos que seria cômico, se não fosse trágico. Então, o que nos resta é nos divertirmos com ela: O povo comenta que tinha na cidade um vereador, já reeleito de outros mandatos, que a exemplo de muitos outros, entrava mudo e saía calado nas sessões da câmara de vereadores. Quando o presidente da casa lhe oferecia a palavra, ele sequer se dava ao trabalho de exclamar “passo”; apenas gesticulava, lançando a mão ao ar, passando a palavra ao colega do lado, em anos como representante da população no legislativo, o nobre edil sequer teve a capacidade de sugerir uma lombada, indicação essa, já carimbada nas sessões da câmara, se o executivo fizesse todas as lombadas que o legislativo sugere, certamente Siderópolis ganharia o título de capital nacional dos quebra-molas, entrando para o Guinness Book. Não que esse tipo de indicação não seja válido, pois muitas vezes ela é sim, necessária, mas isso acaba por vezes, demonstrando a falta de preparo de alguns dos nossos representantes, diante da complexidade dos problemas da cidade.

Certo dia, como de costume, sobre os olhares de alguns poucos acompanhantes da sessão da câmara, o inesperado aconteceu. O vereador estava inquieto em seu lugar, parecia impaciente, olhava atentamente enquanto o presidente da câmara destinava a palavra a um a um dos vereadores. Ao chegar sua vez, para espanto dos presentes ele acenou positivamente, concordando fazer uso da palavra, o ar de mistério tomou conta do espaço nos segundos em que o vereador se preparava para a fala. O que teria ele para falar? Devia ser algo realmente importante, que iria abalar as estruturas! O que seria tão sério a ponto de fazer o edil sair de seu ostracismo? Os segundos se passaram e o mistério foi revelado:

– Está calor aqui dentro, o que vocês acham de abrirmos as janelas? Exclamou o vereador, enxugando o suor que escorria pelo seu rosto.

Fim do mistério. Os poucos presentes na sessão da câmara deste dia se encarregaram de eternizar o ocorrido repassando o episódio de boca em boca. Eu não estava lá, mas são coisas que o povo comenta!

Narrador e ilustrador: Macsuel De Bona, Historiador Pós-graduado em Patrimônio Cultural